

RECICLAGEM DE CLÁSSICOS NO TEATRO: UM RELATO DE EXPERIÊNCIA

Área temática: Cultura

Aline Domingos de Souza¹

Braz Pinto Junior²

RESUMO: Este trabalho apresenta um relato de experiência, relacionado à reciclagem de obras dramáticas consideradas clássicas. Evidenciamos que em um processo de encenação contemporânea podemos lançar mão de elementos e recursos tradicionais como base para nossas práticas. Muitas vezes, o conhecimento de obras canônicas ou pertencentes à determinada tradição se faz necessário, ou seja, um processo de reciclagem de textos ou textualidades ocorre. Sendo assim, objetivamos destacar nesse trabalho nossa experiência de adaptação da obra clássica shakespeariana, *Hamlet*, durante o processo de montagem do espetáculo *O Silêncio de Ophelia*, com direção do prof. Dr. Braz Pinto Junior. Conclui-se que a participação no espetáculo, possibilitou aos acadêmicos envolvidos, novas visões sobre a adaptação de textos clássicos, ao mesmo tempo em que, contribuiu para uma melhor compreensão da relação entre teoria e prática teatrais.

INTRODUÇÃO

Elementos clássicos estão presentes nas mais variadas formas de linguagem seja ela teatral ou de outras artes (cinema, dança, circo, performance, história em quadrinhos). Por meio desses elementos, pertencentes a determinada tradição, o artista expressa sentimentos, conta e reconta histórias. Existem várias obras consideradas clássicas, ou seja, modelos, que pertencem a períodos e tradições culturais, entre essas obras podem ser encontradas; as mitologias gregas, nórdicas, egípcias, africanas, entre outras.

No âmbito do teatro, o elemento textual é concebido como registro e base para novas encenações.

Imediatamente se pressupõe que o argumento versará sobre o texto dramático, isto é, a palavra escrita. Ora, hoje, muito ultrapassado os pré-conceitos que julgavam o teatro submisso

¹ Acadêmica de Artes Cênicas e Bolsista de Iniciação Científica- FACALE/UFGD.

² Doutor pelo Programa de Pós-Graduação em Estudos da Tradução (PGET) da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Professor Adjunto da Faculdade de Comunicação, Artes e Letras (FACALE) da Universidade Federal da Grande Dourados (UFGD). Líder do Núcleo de Estudos da Cena Contemporânea (NUENCENA).

à literatura, é corrente a afirmação de que uma obra de dramaturgia só se realiza, plenamente, na cena, no palco. Sendo assim, é mais do que justo desviarmos nosso olhar do texto, e, abrindo mão do cânone, lançar-nos ao desafio de tentar apontar caminhos que possam definir um espetáculo teatral enquanto um clássico. Uma tarefa delicada, se tratando o espetáculo da natureza do evento, e instigante, pois, na medida em que as teorias do espetáculo reconhecem o valor histórico, ou documental, de certas experiências cênicas, esta imaterialidade, inerente ao espetacular, perde um pouco de sua transparência, dando ao evento uma determinada consistência que o faz ultrapassar seu próprio tempo.(RIBEIRO, 2008,p.211)

De acordo com Antoine Compagnon (1999), na historiografia literária, vários autores têm se empenhado na tentativa de conceituar o clássico, porém, quase sempre o que conseguem é estabelecer um conceito subjetivo e limitado pelo contexto cultural das diversas épocas.

No entanto, o clássico tende a sobreviver às diversas classificações, visto que transcende todos os paradoxos e todas as tensões: entre o individual e o universal, entre o atual e o eterno, entre o local e o global, entre a tradição e a originalidade, entre a forma e o conteúdo (COMPAGNON, 1999, p. 235).

Nesse trabalho, partimos do contato com a obra *Hamlet*, de William Shakespeare, um cânone da literatura e do teatro ocidentais e que carrega o título da obra mais encenada em toda os tempos.

O trabalho está dividido em duas partes: revisão de conceitos como “clássico” e “reciclagem” e relato sobre a experiência de montagem de um espetáculo teatral a partir da obra *Hamlet*, além de considerações e referências.

OS CLÁSSICOS E AS RECICLAGENS TEATRAIS

Obras clássicas, ou seja, modelos de dramaturgia, são obras ligadas à determinada tradição que, por razões culturais, permanecem sendo lidas e encenadas ao longo do tempo, apesar das mudanças ocorridas na sociedade.

Muitas vezes há um receio por parte dos profissionais de teatro em trabalhar com esses “clássicos”, geralmente por razões do senso comum, como a ideia de “genialidade” do autor ou “grandiosidade” da obra, o que acaba

por limitar as possibilidades e serve apenas para revelar nosso desconhecimento das obras do passado.

Por outro lado, conforme segue dizendo Calvino (1993) muitos cursos, iniciam a abordagem de seus estudos, por meio de modelos tradicionais. Quanto mais nos aproximamos de obras clássicas, mais inesperadas elas se revelam, tendo em vista que “os clássicos são livros que, quanto mais pensamos conhecer por ouvir dizer, quando são lidos de fato mais se revelam novos, inesperados, inéditos [...]” (CALVINO, 1993, p.12-13).

Um exemplo da importância dos clássicos, pode ser evidenciada com as muitas apropriações e adaptações literárias e cinematográficas das epopeias homéricas *Odisseia* e da *Ilíada* ou textos da mitologia grega, bíblicos ou pertencentes que povoam o imaginário de artistas há séculos.

No processo de adaptação de Shakespeare podemos notar inúmeras relações entre os elementos clássicos e a contemporaneidade porque, embora a sociedade passe por mudanças, muitos problemas filosóficos permanecem, como por exemplo, o que é o ser humano, sua liberdade e sua consciência.

A EXPERIÊNCIA EM O SILÊNCIO DE OPHELIA

A oitava turma do curso de Artes Cênicas da UFGD (Universidade Federal da Grande Dourados), participou de um processo de reciclagem de um texto canônico (*Hamlet*) durante a montagem do espetáculo “O Silêncio de *Ophelia*”, uma adaptação da obra clássica “Hamlet” de Shakespeare, escrita e dirigida pelo professor Dr. Braz Pinto Junior. O espetáculo foi montado utilizando a estrutura do Núcleo de Artes Cênicas da Faculdade de Comunicação, Artes e Letras (FACALE/UFGD) com os acadêmicos matriculados na disciplina Encenação II, da Graduação em Artes Cênicas.

A montagem de um espetáculo experimental com os alunos recebe o apelido de “projeto” e consiste na montagem de uma obra “clássica” com apresentação aberta ao público, no final do quarto semestre de curso.

Figura I: Cartaz da Peça O Silêncio de Ophelia



Fonte: <http://www.douradosnews.com.br/dourados/espeticulo-o-silencio-de-ophelia-sera-apresentado-nesta/1075560/> Sinopse:

Um mergulho no silêncio. De que nossos desejos nos tornam capazes? Quais os segredos da mente em colapso? Morte. O Silêncio absoluto? O silêncio da bela dos comerciais. O silêncio do amor e da virtude. O pai, o irmão, o amante. Uma bela jovem. Uma trama de vingança e traição. Até que ponto somos capazes de chegar para alcançar o que desejamos? E a que preço? Um caso de Polícia. O silêncio à espreita. Fãs, familiares, repórteres e o mundo das celebridades perdeu uma bela jovem. Loucura, amores perdidos, contratos quebrados, inveja e ganância. Venha mergulhar com ela.

O texto escrito pelo professor Braz Junior, uma adaptação de Hamlet, para a contemporaneidade, trouxe a temática do suicídio para a cena, com foco no personagem Ophelia, discutindo questões como o papel da mulher em uma sociedade de aparências e consumo e transformando o enredo shakespeariano em um híbrido de peça teatral e documentário policial.

Quanto ao processo de encenação, a divisão de personagens ocorreu de uma forma democrática, Cada aluno poderia sugerir três personagens que gostaria de fazer dentre esses o professor indicava qual se adequava mais ao perfil de cada ator.

Minha experiência neste processo foi de assistente de direção e dar vida as personagens de *Polonius Groom* pai de Ophelia Groom, diretor financeiro da H&K e braço direito de Claudius e *Stefany Fortinbráz* herdeira e C.E.O da Northweb Entertainment, empresa rival a H&K, e no desenvolvimento da criação do enredo da “*ratoeira*” peça dentro da peça que Hamlet desenvolveu

para descobrir se seu tio Claudius Helsinger, sócio e presidente da empresa da família, havia se envolvido com a morte do seu pai.

Nessa adaptação feita em forma de espetáculo-documentário em três atos, vivenciamos uma investigação policial em torno da morte de Ophelia Groom, uma modelo e atriz na obra adaptada. No subúrbio da cidade de Leke Elsinore, no Condado de Riverside, Califórnia é encontrado o corpo da jovem boiando na piscina de sua casa, a partir disso a trama se desenvolve como lembranças documentadas em forma de uma investigação policial, para isso são coletadas os depoimentos dos conhecidos e familiares da vítima e de alguns suspeitos, esses depoimentos são projeções áudio- visuais, exibidas em telões ao fundo da cena. Um dos principais suspeitos é o namorado Hamlet King Junior, herdeiro da Helsinger&king propaganda, empresa de joias, cosméticos e modelos. Nessa trama, o Hamlet King morre subitamente em uma boate em Las Vegas, e seu filho Hamlet King Jr, volta da faculdade de Wittemberg, para sua cidade natal, para o velório de seu pai e é surpreendido com o repentino casamento de sua mãe, onde começa a suspeitar do envolvimento do seu tio Claudius na morte de seu pai, o aparecimento do Fantasma de Hamlet King, perturba a mente de Hamlet Jr, que começa duvidar da morte do seu pai. A cena tinha como elemento fixo o departamento de policia e havia repórteres que noticiavam os fatos ocorridos.

Percebemos relações entre o clássico e o contemporâneo: linguagem é atual com elementos audiovisuais, em vez de reinos disputados há empresas de moda e joias, o inimigo é uma empresa rival, mas a dor de perder um pai e o limiar de uma mente suicida tem a mesma força do *Hamlet* shakespeariano só que mais próxima de nosso cotidiano. Apesar de toda uma reciclagem da obra ainda assim, temos um Hamlet e sua essência, por mais que adaptada sua trama é tão atual quando a de sua formação original.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente estudo teve por objetivo relatar a importância de trabalhar os clássicos teatrais, pois eles nos oferecem um grande leque de maneiras de fazer o novo, reinventar, e reciclar antigas ideias.

A experiência de trabalhar em *O Silêncio de Ophelia* possibilitou uma vivência única, porque ficou notória a atemporalidade dos textos clássicos, obras que se perpetuam tanto no passado como no presente.

REFERÊNCIAS

CALVINO, Ítalo. Por que ler os clássicos. Trad. Nilson Moulin. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

HOMERO. **Odisséia.** Tradução de Carlos Alberto Nunes. 5 a . edição. São Paulo: Ediouro, 2002.

PINTO Junior, Braz. Alusão e intertexto: a dinâmica da apropriação em Morte e vida severina. / **Braz Pinto Junior – Dourados, MS: Ed. UFGD, 2014. 188p.**

RIBEIRO, Marta. **O que faz de uma obra um clássico?**. Revista Poiésis, n. 11, p.191-213, nov. 200. p. 221.

SHAKESPEARE, W. Hamlet. **The Arden Shakespeare.** Ed. Ann Thompson and Neil Taylor. London: Thomson Learning, 2006(a).

_____. Hamlet. Trad. Millôr Fernandes. Porto Alegre: L e PM, 2005.